

A CATARACTA DE CORRA-LINN

É o Clyde um dos rios mais pittorescos e mais consideráveis do sul da Escócia. Nasce este das montanhas de Lanark, banha as cidades de Lanark, Hamilton, Glasgow, Renfrew e Dumbarton, e lança-se, depois de um curso de perto de

cem kilometros, no mar de Irlanda, proximo do castello de Dumbarton. O Clyde, navegavel até Glasgow para navios de grande tonelagem, fórma nas montanhas muitas cataractas celebres; citam-se entre outras a de Corra-house que tem vinte e oito metros de altura, a de Stonetyren que tem perto de vinte e sete, e a de Corra-Linn,



A cataracta de Corra-Linn.

que a nossa gravura representa, e que, não competindo com as outras na elevação, d'onde as suas aguas se despeham, as vence no pittoresco da situação.

O rio Clyde dá o seu nome ao golpho de Clyde, formado pelo mar da Irlanda no sitio onde esse rio desemboca, e ao canal do Clyde ou de Glasgow, que o liga com o Ford. O paiz, que as suas aguas banham, é um dos mais românticos, dos mais ferteis e dos mais povoados d'essa parte da Grã-Bretanha. Um pouco acima de Glasgow encontram-se as forjas e as officinas de ferro do Clyde, que são as mais consideráveis da Escócia.

PALESTRAS HYGIENICAS

O pão

O pão é hoje considerado o principal alimento, não só pelo motivo da extrema diffusão do seu uso, como tambem por conter em si todos os principios nutritivos que a physiologia considera indispensaveis para a reparação e conservação das forças: fecula de assucar, materias gordas, substancias azotadas, principalmente gluten. É um alimento completo, no sentido que a hygiene liga a esta palavra; isto é, que empregado como sustento exclusivo, offerece, senão elementos de uma soberba reparação, pelo menos um

mantimento sufficiente para a dilatação de algum modo indefinita da vida. N'este caso pôde tornar-se insufficiente por monotonia do regimen, mas não por falta de recursos alimentarios que apresente. Os gregos exprimiram esta idéa fazendo derivar a palavra pão de um verbo que significava *alimentar*. Denominavam o pão, *panos*, o alimento, como chamavam ás escripturas santas, *Biblos*, o *livro* por excellencia. Assim o uso do pão encontra-se no berço das mais antigas civilisações. A descoberta recente das aldeias lacustres ou aquaticas na Suissa fornece-nos uma nova prova do que avançamos. Effectivamente, achou-se no lago de Constança, um antigo armazem contendo cem medidas de cevada e de trigo em espiga, e um pão; meio consumido pelo fogo, feito de cevada moída grosseiramente. Ora, esta civilisação lacustre, embora nos não tenhamos detido em calcular o numero de seculos ao qual é licito fazel-a remontar, não podemos, comtudo, deixar de a considerar como muito antiga. Depois, o peccado do nosso primeiro pai, pelo qual foi condemnado a ganhar o pão com o suor do seu rosto, consagra ainda melhor que outro qualquer testemunho historico a antiguidade do uso d'este alimento, e, em quasi todas as linguas, exprime methaphoricamente, não só a alimentação no seu todo,

mas ainda tudo o que constitue as necessidades essenciaes da vida.

Entre os povos mais antigos, o pão propriamente dito, isto é, o pão preparado por fermentação, não existia: o grão era simplesmente pizado ou pulverizado de um modo grosseiro; faziam depois a massa com agua e coziam-na em fornos ou debaixo da cinza, como o indicá a sagrada Escritura. Este primitivo systema de fabrico existe ainda hoje entre certos povos, principalmente entre os Arabes do norte da Africa.

O desejo ardente, entre alguns homens eruditos, de saber se os mais antigos povos conheciam e utilisavam a arte de fazer pão fermentado, tem dado lugar a calorosas questões. Parece-nos, porém, que o facto do emprego do pão asmo em certas ceremonias religiosas implica necessariamente a idéa de que aos Hebreus não era estranho o pão de levadura. Os pães depositados todos os sabbados sobre as mezas de ouro do sanctuario e a festa dos Asmos, instituida em memoria da saída do Egypto, são a prova. Emfim, uma passagem do Exodo levanta toda e qualquer duvida a este respeito: «Comeis, diz o Senhor, pão sem fermento durante uma semana. Desde o primeiro dia, não consentireis fermento de qualidade alguma em vossa casa. Todo o que comer pão levedado durante os sete dias será expulso do reino d'Israel.» Quanto á origem do emprego da levadura, não se póde determinar, e é muito provavel que esta descoberta, tão importante no ponto de vista hygienico, seja, como muitas outras, resultado do acaso.

Os gregos faziam uso do pão com mais parcimonia do que nós, e é muito de notar que Homero, tão prolixo quando descreve os banquetes dos seus heroes, esquece quasi sempre o pão no meio da enumeração das comidas e bebidas de que usavam. Comtudo, este alimento acha-se indicado em dois pontos da Odysea: na descrição do festim dado por Euméo a Ulysses e do offerecido por Menelau a Telemaco.

O uso do pão espalhou-se, pelo contrario, muito entre os Romanos, que adquiriram a arte de fabrical-o com uma certa perfeição e cujas fórmas e aspectos variaram com uma tal fertilidade de imaginação que as nossas padarias de luxo, certo, não desdenhariam. O pão de primeira qualidade era feito de trigo de Campania (Macrobio, *Satyricon*, lib. II, cap. XII). O pão de rala (*panis autopyrus* ou *panis secundarius*) fabricavam-no de farinha grossa da qual não separavam o farelo. Augusto preferia-o a qualquer outro, e os Romanos conheciam perfeitamente as suas propriedades laxantes, restituídas em honra dos nossos dias. O licitor, Habinnas, no Banquete de Trimalcião, descreve-as em termos que mostram que o latim nem sempre affronta impunemente a honestidade. É provavel que o *panis gradilis*, que se distribuía publicamente em nome dos imperadores nos dias de liberalidade, não passasse de pão de rala. O pão era redondo e sobre o comprido. Na padaria (*pistrinum*) descoberta em Pompeu, acharam-se muitos pães d'esta fórma, tendo pouco mais ou menos 0^m,25 de diametro, e cuja parte superior arredondada apresentava um lavor grosseiro. Um d'estes pães tinha em relevo a marca *siligo grani* (farinha de frumento), e os outros é *cicera* (fari-

nha de chicharos). Esta precaução, tomada para garantir a fidelidade da venda, valia, certamente, a pena de ser renovada em nossos dias. O *artopticus* era um pão cozido em uma pequena fórma. Os Romanos coziam o pão em um vaso de barro esburacado (*clibanus*) ou em uma especie de forno de campo (*artopta*). Faziam uso tambem do pão sem levadura, já como alimento de appetite (*despticius panis*), já para a preparação dos biscoitos (*artos dipuros*) inteiramente analogos á nossa bolacha de embarque e que os soldados levavam nas suas longinquas expedições.

É uma das necessidades da nossa intelligencia o procurar a origem de todas as cousas; certamente, não digeriremos melhor um bocado de pão por sabermos donde elle vem e quaes as successivas transformações por que passou o grão na viagem da terra ao estomago; porém, digeril-o-ha com mais dignidade a creatura que obedece ás necessidades phisicas, mas que as raciocina. Vamos entrar no dominio da chimica, mas de uma chimica que póde ser intelligivel sem deixar de ser exacta.

Dá-se um pouco impropriamente o nome de pão a todo o alimento preparado pela cozedura de uma farinha ou antes de uma fécula amassada com agua; taes o pão de frumento, de milho, de mandioca, de batata, etc. Numerosas tentativas, tendo por fim reduzir a pão a maior parte das féculas, hão sido feitas e ainda continuam a fazer-se; mas os seus productos, no ponto de vista do aspecto e sobretudo das qualidades hygienicas, não merecem o nome de pão. Este nome deve estar reservado só para o resultado da cozedura das massas de cereaes que passam por um principio de fermentação. O verdadeiro pão é este; os outros todos são imperfeitos.

(Continua.)

O CONDE ALLAMISTAKEO

O *symposium* da noite precedente havia-me deveras fatigado os nervos. Sentia uma horrivel enxaquéca e Morphéo perseguia-me tão furiosa e tenazmente, que me obrigava, bem contra minha vontade, a cortejar a miude minha mulher, que, depois de ter fallado as estopinhas, viera assentar-se defronte de mim com as contas na mão, dormindo e resando ao mesmo tempo. Em vez, pois, de sair de casa como tencionava, occorreu-me que o mais prudente era ceiar e, logo em seguida, metter-me na cama.

Naturalmente uma ceia leve. Eu adoro as torradinhas com manteiga. Ora, comer mais de uma em certas occasiões, não será muito rasoavel. Comtudo, não póde haver objecção material no numero dois. E, na realidade, entre dois e tres existe apenas a insignificantissima differença de uma unidade. Aventurei-me talvez a comer quatro. Minha mulher teimou que foram cinco; mas, evidentemente, confundio duas cousas bem distinctas. O numero abstracto cinco, estou disposto a admittil-o; mas no ponto de vista concreto refere-se ás garrafinhas do *puro Collares*, sem o adubo do qual as torradinhas podem causar gravissimos incommodos.

Escusado é dizer que a minha cara metade, durante a ceia, não esteve callada um minuto.—Vês, me dizia ella, assim é que procede todo o homem que, como tu, tem a felicidade de possuir uma mulher das mais nobres e distinctas qualidades. Deixa-te de noitadas, meu filho, e de acompanhares com esses que se dizem teus amigos. Os amigos nunca deram bom pago. Não de ser a tua desgraça! Tu conhecerás o erro. Eu, aqui, feita uma escrava, e o senhor sempre, sempre em divertimentos! Mas está muito enganado comigo. Julga uma cousa e ha-de-lhe sair outra.—E foi seguindo uma escala progressiva até chegar á mais solemne descompostura que tenho levado em dias de minha vida. Foi este o resultado do meu bom procedimento.

Eu, já se vê, não proferi uma palavra. Concluido o banquete, entrei logo no meu quarto, puz o barrete da noite com a firme esperança de gozar d'elle até ás onze horas, pelo menos, do dia seguinte, deitei a cabeça sobre o travesseiro, e, graças a uma excellente consciencia, caí prestes em profundo somno.

Mas quando se realisaram completamente as esperanças do homem? Não tinha talvez concluido o terceiro ronco (o leitor não imagina o barulho que eu faço dormindo) quando uma furiosa campainhada retinio na porta da rua e logo impacientes argoladas, que me acordaram sobresaltado. Um minuto depois, e como eu ainda esfregava os olhos, minha mulher, a minha santa mulher, dirigindo-me, como sempre, as palavrinhas mais doces que é possível imaginar, verdadeiras lasquinhas de ouro, pespegou-me mesmo em cima do nariz um bilhete do meu amigo doutor Alexandre, que dizia assim:

« Logo que receba este bilhete, meu amigo, deixe tudo e corra a esta sua casa. Venha participar do nosso jubilo. Finalmente, graças a uma pertinaz diplomacia, obtive o assentimento do director do museu para o exame da minha mumia; sabe de qual se trata. Deu-se-me licença para desenfaiçal-a e mesmo para abril-a, se o julgar necessario. Só alguns amigos estarão presentes: superfluo é dizer que o tenbo n'essa conta. A mumia está em minha casa, e o exame deverá começar pelas onze horas. — Seu amigo — Alexandre.»

Antes de chegar á assignatura, conheci que estava perfeitamente acordado. Saltei da cama n'um estado de delirio, remexendo tudo quanto tinha no quarto, vesti-me com uma ligeireza verdadeiramente milagrosa e dirigi-me a toda pressa para casa do doutor.

A sociedade que fui ali encontrar reunida não podia ser mais animada nem mais distincta. Estava tudo impaciente pela minha chegada. A mumia achava-se sobre a meza da casa de jantar; e logo que entrei, começou o exame.

Esta mumia era uma das que tinha trazido, havia alguns annos, o capitão Arthur, primo de Alexandre. Achou-as em uma sepultura perto de Elethias, nas montanhas da Libya, a uma distancia

consideravel de Thebas. N'aquellas paragens, os carneiros, ainda que não tão magnificos como os sepulchros de Thebas, são contudo de mais alto interesse, porque offerecem um numero infinito de *illustrações* da vida privada dos Egypcios. A sala d'onde havia sido tirado o nosso specimen passava por ser uma das mais ricas em documentos d'esta natureza: as paredes eram completamente cobertas de pinturas a fresco, e de baixos-relevos; estatuas, vasos e um mosaico de riquissimo desenho attestavam os grandes teres dos defuntos.

Esta raridade havia sido depositada no museu exactamente no mesmo estado em que o capitão Arthur a achára, isto é, o ataúde ficára intacto; e durante oito annos, assim esteve exposta á curiosidade publica, sómente o que diz respeito ao exterior. Tinhamos, pois, a mumia completa á nossa disposição, e os que sabem quão raro é chegarem antiguidades a nossas regiões em bom estado, poderão julgar das razões fortes que tinhamos para nos felicitar-mos da nossa boa fortuna.

Approximando-me da meza, vi uma grande caixa de setepés, pouco mais ou menos, de comprimento, tres de largura e dois e meio, talvez, de altura. Era oblonga, mas não em fórma de esquife. A principio suppozemos que era de madeira de sycomoro; mas, dando-se-lhe um golpe, reconhecemos que era de cartão, ou para melhor dizer, de uma especie de massa muito dura feita de *papyrus*. Era ornada grosseiramente de pinturas representando scenas funebres e diversos assumptos tristes por entre os quaes serpeava uma linha de caracteres hieroglyphicos, dispostos em todos os sentidos, que, sem duvida, significavam, o nome do defunto. Felizmente, o padre Gilberto fazia parte da companhia, e traduzio-nos sem custo os signaes, que eram simplesmente phoneticos, e formavam a palavra *Allamistakeo*.

Deu-nos algum trabalho o abrir a caixa sem causar-lhe prejuizo; mas, logo que o conseguimos, encontrámos uma segunda em fórma de féretro, cujas dimensões eram muito inferiores ás da primeira, mas, em tudo o mais, semelhante. O intervallo entre as duas caixas estava cheio de resina, que, até certo ponto, tinha deteriorado as côres da interior.

Depois de abrirmos esta, o que fizemos facilmente, achámos uma terceira, egualmente em fórma de caixão, e não differindo em cousa alguma da segunda, senão na materia, que era cedro, e exhalava o cheiro fortemente aromatico que caracteriza esta madeira. Entre a segunda e a terceira caixa não havia intervallo; esta adaptava-se exactamente áquella.

Abrindo a terceira caixa, descobrimos, em fim, o corpo e levantamol-o. Esperavamos achal-o, como de costume, rodeado de muitas fitas, ou tiras de linho; mas, não succedeu assim: estava metido em uma especie de bainha, feita de *papyrus*, e revestida de uma camada de gesso toscamente pintada e dourada. As pinturas representavam va-

rios assumptos com relação aos diversos deveres suppostos da alma e á sua apresentação a differentes divindades; depois um grande numero de figuras humanas; — provavelmente retratos de pessoas embalsamadas. Da cabeça até aos pés estendia-se uma inscrição columnaria ou vertical, em hiéroglyphos phoneticos, dando novamente o nome e os titulos do defunto e os nomes e os titulos de seus paes.

A roda do pescoço, que nós facilmente tirámos do seu envoltorio, tinha um collar de contas de vidro cylindricas, de differentes côres, e dispostas de modo que figuravam imagens de divindades, a imagem do Scarabeo, e outras com o globo alado. Na cintura via-se um collar semelhante.

Levantando um pouco o *papyrus*, encontrámos as carnes perfeitamente conservadas e sem cheiro algum sensível. A côr era avermelhada; a pelle dura, lisa e lúscida. Os dentes e os cabellos mostravam-se em bom estado. Os olhos, ao que parecia, haviam sido tirados e substituidos por outros de vidro, magnificos e simulando admiravelmente os naturaes; salvo a sua fixidade um pouco pronunciada. Os dedos e as unhas estavam dourados brilhantemente.

Da côr avermelhada da pelle, o padre Gilberto inferio que o embalsamento havia sido praticado unicamente pelo asphalto; mas, raspando-se-lhe a superficie com um instrumento de aço e lançando no fogo os grãos de pó obtidos d'este modo, sentimos desenvolver-se um perfume de camphora e outras gommas aromaticas.

Examinámos cuidadosamente o corpo, para acharmos as costumadas incisões por onde se extrahem as entranhas; mas, grande surpresa! não podemos descobrir o menor signal. Nenhum dos da sociedade sabia ainda que não é raro encontrar mumias intactas, sem incisões. Ordinariamente os miolos tiravam-se pelo nariz, os intestinos, por uma pequenissima incisão no flanco, e o corpo era em seguida rapado e salgado; deixavam-n'o n'este estado algumas semanas e depois, por assim dizer, é que começava a operação do embalsamento.

Como se não podia encontrar signal algum de abertura o doutor Gilberto preparava os seus instrumentos de disseccão, quando lhe fiz ver que eram já mais de duas horas. A vista d'isto, concordámos todos em deixarmos o exame interno para a seguinte noite; e estavamos já para nos separarmos quando alguém suggerio uma ou duas experiencias com a pilha de Daniel.

A applicação da electricidade a uma mumia que tinha pelo menos os seus tres ou quatro mil annos era uma idéa, senão muito sensata, sufficientemente original, e por tanto abraçamol-a sem mais reflexões. Para este magnifico projecto, no qual entrava uma parte de serio e nove boas partes de brincadeira, dispozemos uma bateria no gabinete do doutor e transportámos para ali o Egypcio.

Não foi sem grande custo que conseguimos des-

cobrir uma parte do musculo temporal, que parecia de uma rigidez menos marmorea que o resto do corpo, mas que naturalmente, como tem esperavamos, nenhum indício de susceptibilidade galvanica apresentou quando o pozemos em contacto com a corrente. Este primeiro ensaio pareceu-nos decisivo; e desatando todos a rir do disparate, já reciprocamente nos desejavamos uma feliz noite, quando os meus olhos encontrando-se por acaso com os da mumia ficaram presos com espanto. De facto, o primeiro olhar foi sufficiente para assegurar-me de que os globos, que nós todos tinhamos julgado serem de vidro, e que a principio se distinguiam por uma certa fixidade singular, estavam agora tão naturalmente cobertos pelas palpebras que só uma pequena porção da conjunctura era visível.

Dei um grito, e atrahi a attenção sobre este facto, que immediatamente se tornou manifesto para todos.

Não direi que estava *aterrorizado* pelo phenomeno, porque a palavra *aterrorizado*, no meu caso, não seria precisamente a palavra propria, e até estou persuadido que, sem a minha provisão do *Collares*, o facto não me teria causado a mais leve admiração. Mas, os outros personagens da sociedade! esses é que não poderam occultar o seu terror. O doutor Alexandre fazia dó vel-o. O padre Gilberto, não sei porque processo particular, tinha-se tornado invisível, e o barão de Sousa não pôde negar que fez de quadrupede debaixo da meza. O caso, na verdade, não era para menos.

(Continua.)

O CHACAL E A RAPOSA

O Leão achando-se doente, todos os animaes correram a visital-o, excepto a Raposa. O Chacal, que desejava compromettel-a, approximou-se do rei das feras, e disse-lhe:

— Senhor, todos os vossos subditos vieram ver-vos; só a raposa faltou a este dever. Um tal esquecimento é uma offensa a Vossa Magestade.

Informado d'este caso, a astuta Raposa dirigio-se immediatamente á morada do Leão.

— O que te prendeu? lhe perguntou este.

— Senhor, respondeu aquella, sabendo da vossa doença, tratei logo de procurar um remedio para curar-vos; corri por montes e por valles, até que, felizmente, o descobri.

— Qual é, pois, esse remedio? tornou o Leão.

— Um especifico que existe na pata do chacal.

O Leão, logo que isto ouviu, lançou-se ao Chacal e partio-lhe a perna; escusado é dizer que tal especifico não encontrou.

Quando o traidor saio, a Raposa foi-lhe na pista e dirigio-lhe as seguintes palavras:

— Olá! meu nobre cavalheiro, de hoje em diante quando vos achardes na presença do rei, aconselho-vos a que ponhais um freio na lingua. A boa fé deve presidir a estas assembléas. (1)

(1) Compare-se com a fábula de Lafontaine, liv. VIII, fábula III

WESTMINSTER-HALL

Defronte da sumptuosa abbadia de Westminster ergue-se um edificio, que se denomina *Westminster-Hall*, ou sala de Westminster, nome que lhe vem de uma sala magnifica, mandada construir por Guilherme II, filho de Guilherme o Con-

quistador. Esta sala é a maior da Europa, depois da do palacio de justiça de Padua, e da do theatro d'Oxford. Tem trinta metros de altura, noventa e dois de comprimento, sessenta e tres metros e trinta e tres centimetros de largura. O tecto abobadado, feito de nogueira artisticamente lavrada, esteia-se em magnificos pilares.



Westminster-Hall.

Foi construida para n'ella se celebrarem festas da côrte, e na coroação de Ricardo II deu-se alli um jantar a dez mil convidados. Ha muito tempo que serve para os grandes processos politicos, e para os julgamentos da camara dos pares. Mas acima de tudo tem esta sala uma triste celebridade. Ali se pronunciou a sentença do infeliz Carlos I.

No vasto edificio, onde este magnifico salão existe, reuniam-se tambem as duas camaras do parlamento e os tribunaes superiores de Londres. Mas no dia 16 de outubro de 1834 um terrivel incendio destruiu a parte de *Westminster-Hall* que servia para as sessões da camara dos communs, e em consequencia d'isso tratou-se de se erigir um novo edificio, destinado especialmente ao parlamento. Este novo e sumptuoso palacio, cuja construcção foi dirigida pelo architecto Carlos Barry, principiou a ser edificado em 1840 e já no dia 15 de abril de 1847 ali se reunia pela primeira vez a camara dos pares.

O actual edificio do parlamento denomina-se *Westminster-Palace*. Westminster-Hall pertence agora exclusivamente aos tribunaes superiores.

O POLYPHEMO DOS RUSSOS

O leitor, sem duvida, conhece, pelo episodio que o grande Homero introduzio no nono canto da *Odyseea*, o Polyphemo dos Gregos, esse gigante com um só olho no meio da testa, que vivia em um antro e devorava os desgraçados que lhe caiam nas mãos. Lembra-se, como o astuto Ulysses conseguiu enganar-o, privar-o da vista e escapar-se-lhe, enfim, com muitos dos seus companheiros. Pois, nem só a antiga Grecia conheceu este mytho. «Foi igualmente popular, diz o erudito Grimm, entre os Persas e os Tartaros; e ainda hoje ouvireis d'elle fallar em regiões mui distantes umas das outras: entre os povos da Transylvania, na Esthonia, entre os Finlandezes, nas montanhas da Noruega e mesmo em Allemanha. Mais do que outro qualquer parece poder ser proposto como um exemplo da maneira como se espalham e se conservam as tradições poeticas. No momento em que pela primeira vez nos apparece, esconde-nos logo a sua origem e faz-nos presumir que teve uma existencia anterior. Mostra-se em paizes afastados uns dos outros, conserva-se atravez dos seculos, e desaparece para renascer forte e vivaz. Longe de prender-se ao solo em que nasceu, percorre diferentes regiões, mudando por toda parte de forma

.....*Omnia vincit amor.*
O amor nada acha invencivel.

VIRGILIO.

e de côr, desenvolvendo-se ou comprimindo-se, mas deixando sempre adivinhar a sua grandeza primitiva no meio d'estas incessantes metamorphoses »

É na memoria, d'onde estas linhas foram extrai-das, lida na Academia de Berlim em 1857, que é preciso seguir as curiosas transformações que o mytho soffreu, passando de idade em idade e de povo em povo. Comtudo, n'este estudo o celebre Grimm não esgotou todas as fontes; contentou-se com reproduzir, para comparal-as, um certo numero de narrativas que offereciam traços mui distinctos e caracteristicos. Eis aqui, pois, uma de que elle não fez menção, e que foi publicada depois de sua morte na collecção allemã *das Inland*. Esta narração barbara, que contrasta com a fabula ornada pelo espirito brilhante e engenhozo da Grecia, aproxima-se por diversos rasgos das lendas conservadas em alguns paizes, especialmente na Servia e na Esthonia; mas encerra outros que lhe são proprios e que se não encontram em outra parte.

A papa-gente, o ferreiro e o alfaiate

CONTO RUSSO

Era uma vez um ferreiro, que disse consigo :

— Nunca até hoje experimentei o mais leve desgosto. Conta-se, não obstante, que o mal existe: quero tambem conhecê-lo.

E logo se poz a caminho, com o seu martello, á procura de aventuras. Encontrou um alfaiate.

— Deos te abençoe, lhe disse.

— Aonde vais? respondeu o alfaiate.

— Dizem, amigo, que ha mal no mundo; eu não o conheço, e portanto vou em busca d'elle.

— Então, viajemos juntos, tornou o alfaiate; tenho sido sempre feliz, e procuro tambem a desgraça.

E partiram ambos. Depois de algumas horas de caminho, acabaram-se em um bosque espesso e sombrio; seguiram por um pequeno atalho e chegaram a uma casa de bella apparencia; como fosse já noite fechada resolveram parar.

Entraram: não havia ninguem. Assentaram-se. D'ahi a pouco viram apparecer uma mulher de grandissima estatura, magra, e que só tinha um olho.

— Vejo que tenho hospedes, disse ella; sêde bem vindos.

— Boa noite, mãesinha; vimos pedir-te agasalho.

— Muito bem; terei ao menos de que ceiar.

Os dous aventureiros não ficaram com este dito muito senhores de si.

A velha foi buscar um grande braçado de lenha e lançou-lhe o fogo para aquecer o forno; depois, examinando um e outro dos seus hospedes, agarrou o pobre alfaiate, degolou-o, assou-o, e comeu-o.

O ferreiro, logo que vio o seu companheiro devorado pela velha, disse:

— Mãesinha, eu sou ferreiro.

— Que sabes tu fazer?

— Sei fazer tudo.

— N'esse caso, quero que me forjes um olho.

— De muito boa vontade; mas, tens uma corda? Porque é necessario que eu te ligue, aliás nunca poderia satisfazer o teu desejo.

A velha foi buscar duas cordas, uma delgada e outra muito grossa.

O ferreiro ligou-a primeiramente com a mais fraca.

— Vejamos mãesinha, faze um movimento com o corpo.

A velha mexeu-se e a corda partio.

Tomou então a corda mais grossa e atou a velha fortemente.

— Move-te agora, mãesinha.

A velha agitou-se, mas a corda resistio. Logo, o ferreiro pegou em uma barra de ferro, pol-a ao fogo, e, em seguida, applicando-a em braza sobre o unico olho da sua victima enterrou-lh'a com todas as suas forças, auxiliado pelo martello; mas, a velha atormentada pela grande dôr, sacudio os membros de modo tal, que partio a corda e correndo immediatamente a collocar-se diante da porta, exclamou:

— Espera, espera, malvado, não me has de escapar.

O ferreiro vio outra vez os seus negocios muito malparados. Pensava no que faria, quando os carneiros voltavam do campo. A velha, conforme o costume, deu-lhes entrada em casa para passarem a noite. Na manhã do dia seguinte, quando estavam para sair, o ferreiro lançou mão da sua pellica, feito de pelles de carneiro, e cobriu-se com ella, tendo o cuidado de voltar o pello para fóra; depois, andando com os pés e as mãos, seguiu os carneiros. A velha fazia-os passar a um e um, agarrando-os pelo lombo e atirando-os para fóra da porta. O ferreiro, felizmente, tambem saio, e logo que se vio fóra de casa, poz-se de pé e exclamou:

— Adeos, velha excommungada; bastante me fizeste soffrer; mas agora não tens mais poder sobre mim.

— Espera, espera, disse a velha; ainda não se te acabaram os trabalhos.

O ferreiro seguiu o atalho que o tinha conduzido á casa da gigante. Avistou uma arvore onde estava enterrada uma machadinha, cujo cabo era de ouro; quiz apoderar-se d'ella; mas a mão ficou-lhe presa e não pode dar nem mais um passo. A velha corria atraz d'elle.

— Vês, patife, lhe disse ella, não me escapaste.

O ferreiro, não vendo boas nem más tirou o martello da algibeira e partio com elle o braço; foi por este preço que o infeliz conseguiu libertar-se. E quando chegou á sua terra, ponde então dizer:

— Agora conheço o mal. Vêdes o meu braço mutilado? Apenas perdi a mão, mas o meu camarada perdeu a vida.

1 Foi traduzida na Revista Germanica de 31 de Março de 1860

CHRONICA GEOGRAPHICA

Duchailu no rio Fernando Vaz—O paiz Ashira e o regulo Olinda—Os territorios de Bekelai, Komba e Avia—Explica-se a verdadeira causa porque Duchailu não atravessou a região dos Apingi—As bexigas attribuidas a Duchailu—O que é o *alumbi*—Os Apono—Negros anões—Mulheres de 4 pés d'altura—O paiz accidentado dos Ashango—Incidente funesto—Aggrava-se a situação—Lueta—Duchailu é ferido—Observações de Owen, Edwin, Read, Harris e Crawford relativamente á viagem de Duchailu.

Uma das viagens que ultimamente prenderam mais as attentões de todos os que se interessam pelos progressos da civilisação foi, por certo, a de Duchailu pelas regiões marginaes do rio Fernando Vaz na costa occidental da Africa.

Aquelle viajante foi recebido com inequivocas demonstrações de sympathia pelos indigenas: desgraçadamente, porém, perdeu a embarcação que encerrava a maior parte dos instrumentos d'observação. Em quanto esperava a remessa d'outros empregou o tempo a colligir specimens da *fauna* e *flora* do paiz.

Vencidas muitas difficuldades para a organisação da partida, chegou á aldeia do regulo Olinda, situada no paiz d'Ashira: pelo caminho que levou o explorador, aquella aldeia demora a 110 milhas (177 kilom.) da embocadura do rio Fernando Vaz. Olinda acolheu perfeitamente Duchailu, o qual, em breve comprehendeu que tão magnifica recepção era interesseira, e tinha apenas em mira os presentes que o regulo esperava obter do viajante.

Deixando o paiz d'Ashira, atravessou os territorios dos Bekelai, dos Komba e dos Avia para vêr as cataractas de Samba-Nagoshi, ás quaes elle não havia podido chegar na sua primeira viagem.

Tendo alcançado e descido durante algumas horas o rio Ovigui, o viajante e a sua comitiva desembocaram no grande Rembo que ia mui caudaloso pelas chuvas.

Finalmente entrou na aldeia de Suba, que pertence á tribu dos Avia. As regiões que atravessou tem muitas aldeias abandonadas, que lhes dão um aspecto monotonico e melancolico.

Regressando Duchailu para junto d'Olinda propoz-lhe internar-se no paiz dos Apingi; Olinda, porém, observou-lhe que aquella viagem não era possivel, por isso que, breves dias apoz a sua primeira visita aos Apingi, Remandji, o chefe da tribu, havendo morrido, o povo attribuiu a sua morte ao estrangeiro que o tinha assassinado *para viajar com o seu espirito*. Em presença d'este facto, resolveu, pois, Duchailu passar pelo territorio dos Otanda, um pouco ao sul dos Apingi.

Em quanto Duchailu fazia os preparativos de viagem uma aterradora epidemia de bexigas se manifestou; augmentaram, consequentemente, os perigos e as difficuldades da sua situação. Olinda succumbio ao flagello, e o viajante foi accusado de o haver feito morrer por artes magicas.

Conseguiu finalmente deixar o paiz dos Ashira pelo dos Otanda. Ainda ali as bexigas grassavam por toda a tribu; apenas o chefe d'ella não tinha sido ainda acommettido: recusava, porém, receber Duchailu, porque affirmava elle, o homem branco

para toda a parte por onde caminha leva consigo a morte e mata o chefe, e d'isso eram testemunhas Remandji e Olinda. A fatalidade quiz que, 4 dias depois da sua chegada a Mayolo, o regulo Otanda caisse doente, e que a vida d'elle fosse ameaçada com a morte.

Emfim restabeleceu-se e o explorador preparou-se para continuar a viagem.

Mayolo não era máu, porém sim muito interesseiro.

Duchailu em pouco tempo descobrio que Mayolo se propunha exercer sobre elle um estratagem a aconselhado pela superstição, que se denomina o *alumbi*. Eis aqui em que consiste: quando morre um regulo, corta-se-lhe a cabeça e colloca-se em um vaso no meio d'uma massa d'argila; todas as partes molles e as liquidas são absorvidas e o craneo é conservado na casa d'*alumbi*; o chefe, por essa occasião penetra ali e raspa uma certa quantidade de pós dos ossos, que se misturam com o alimento, e que se dá ao hospede sobre o qual se pretende operar o encantamento.

As suspeitas de Duchailu nasceram da pontualidade com que lhe era remettida uma comida já perfeitamente preparada. Com o tempo havendo sido avisado da existencia d'este costume, recusou tocar nas comidas que lhe mandavam.

Depois de ter deixado a aldeia de Mayolo situada a 40 milhas (64 kilom.) E. S. E. da aldeia d'Olinda, capital dos Ashira, marchou quasi directamente para o lado de leste atravessando o paiz dos Apono, onde os indigenas lhe suscitaram mil embaraços temendo a invasão das bexigas. Uma vez lançaram fogo ás florestas para impedir a marcha d'elle.

Os Aponos tem o singular costume d'arrancarem dois dentes incisivos superiores. São muito guerreiros, porém excessivamente dados á embriaguez. Internando-se mais para leste, foi entre elles que Duchailu achou a ultima noção dos objectos ou armas de fogo dos europeus.

Desde ali entra-se nos dominios das tribus primitivas.

Aos Apono succedem os Ishogo, população benevolente, que prima na fabricação dos fatos com a epiderme das folhas de palmeira.

Foi ali que encontrou uma tribu errante de negros de pequena estatura. Nunca trabalham, levam uma vida vagabunda, residem pouco tempo no mesmo lugar, e parecem constituir o typo inferior dos seres humanos. Apanham a caça em armadilhas e laços e trocam-na por outros objectos nas tribus em que residem.

A pelle d'elles apresenta uma leve coloração escura; ainda que sejam de pequena estatura são bem conformados, geralmente cabelludos em grande parte do corpo. Os cabellos são mais curtos que os dos negros d'esta região.

As mulheres, das quaes elle medio algumas, tem de 4 pés a 4 pés e 3 pollegadas d'altura.

Apartando-se dos Apono entrou no territorio dos Ashango. A medida que caminhava achava o paiz mais montanhoso e cortado d'accidentes que demoram consideravelmente a marcha. A estrada

era uma vereda estreitissima, atravez da espessura da floresta: a escolta do viajante era obrigada a marchar a um de fundo, transpondo as collinas e os valles, os rochedes, e as arvores derrubadas, que obstruiam o caminho.

Na aldeia de Mongon pertencente aos Ashango a 265 milhas (426 kilom.), pela estrada, da foz do Fernando Vaz, o barometro aneroide deu uma altitude de 2472 pés (733 metros). Para a frente appareciam, intervalladamente, os cumes d'uma cadeia de montanhas mais elevadas; não ha, porém, planuras elevadas; tudo são subidas e descidas. O céu n'aquella altitude, era geralmente encoberto por nuvens, e um tenue vapor pardacento velava os topos das collinas revestidas de frondosos arvores.

Para fallar com propriedade, diz o viajante, não ha estação secca n'aquella região accidentada, onde chove mais ou menos durante todo o anno. As maiores chuvas que Duchailu observou foram de 6 1/2 pollegadas (0^m,165) em 24 horas.

Os Ashango mostraram-se mais hospitaleiros, posto que sejam um povo bellicoso. As suas aldeias, assaz consideraveis—ha algumas de 300 cabanas—são afastadas uma das outras; communicam-se por caminhos abertos nas florestas.

A viagem parecia dever continuar com equal felicidade; porém Duchailu foi demorado muitos dias na aldeia de Monaou-Kombo a 440 milhas do rio Fernando Vaz pelo chefe da tribu, o qual lhe disse que uma povoação collocada á beira da estrada estava resolvida, a oppôr-se á passagem d'elle. Decorrido pouco tempo, chegavam á aldeia 4 enviados d'aquella povoação, e o chefe Monaou-Kombo deu de conselho aos homens da comitiva do viajante que atemorisassem aquelles emissarios atirando tiros. «A espingarda d'um homem dos meus,—diz Duchailu—tinha accidentalmente, ferido mortalmente um indigena, que morreu sem estrebuxar.» Os naturaes fugiram em todos sentidos, e, julgando a posição grave, Duchailu procurou reconduzil-os e apazigual-os offerecendo-lhes o preço de vinte homens. Estas negociações teriam provavelmente proseguido se a balla, que havia feito uma primeira victima, não houvesse produzido uma segunda, penetrando atravez das paredes d'uma cabana: a segunda victima era a irmã do indigena que mais propenso estava para a reconciliação.

O tambor de guerra retumbou por toda a parte; os viajantes foram forçados a operar, atravez da aldeia, uma retirada, em a qual foi abandonada a parte mais preciosa das bagagens; em torno d'elles chovia uma saraivada de flechas; Duchailu e um dos d'elle foram feridos; tendo chegado os homens da escolta aos caminhos das florestas, atiraram fóra tudo que levavam, para fugirem mais rapidamente; Duchailu, que guardava a reloguarda com o homem que tinha causado aquelle accidente, soffreu o doloroso desgosto de ver os seus instrumentos, colleções, photographias, cadernos de notas juncarem o terreno e perdidos irremediavelmente. Ao retirar recebeu uma nova ferida, feita com uma flecha envenenada a qual,

felizmente, resvalou pelo cinturão do revolver. Apoz estes successos e varias outras peripecias, a expedição chegava no fim de setembro do anno passado ao rio Fernando Vaz.

Ahi fica pois a noticia resumidissima da ultima exploração do intrepido viajante. É um extracto do que ha poucos mezes a *Sociedade de geographia de Londres* escutou attentamente. Em seguida á leitura da descripção da viagem houve as seguintes observações por parte de homens muito notaveis. Por isso aqui as registramos.

O professor Owen, em particular, recordou que o *British Museum* devia a esta segunda viagem de Duchailu interessantes *specimens* de pelles de gorillas, um lagarto de escamas, animal de sangue quente do genero *Manis*, que se alimenta com as termites, tão numerosas n'aquella parte da Africa, um ninho de chimpanzé, etc., etc.—O presidente observa que Duchailu tinha trazido d'esta ultima viagem uma harpa dos naturaes do paiz; as cordas são feitas de fibras herbosas, e todavia podem produzir sons musicaes.—M. Edwin Dunkin dá interessantes detalhes acerca das observações astronomicas do viajante; são estas muito numerosas e a posição de Mayolo, particularmente, foi determinada em longitude por 30 observações de distancias lunares.—Winwood Read, que em 1862, percorria os paizes dos Fans afirma que estes povos são canibaes, assim como Duchailu o sustenta.—Harris confirma o dizer de Duchailu, quanto á harpa indigena, que tambem é usada na Serra-Leôa. Um costume analogo ao do *alumbi* se encontra no districto de Sherboro; ali, não se conservam os restos dos antepassados na casa; porém fazem-lhes sacrificios quando partem para viagem ou emprehendem negocio importante, Harris encontrou uma tribu canibal, os Bushy, que levam em cestos a carne dos seus prisioneiros e sustentam-se d'ella durante muitos dias.—Crawford não admite que os anões de quem fallou Duchailu formem uma tribu separada; não-seriam, porventura, individuos pertencendo á mesma raça que os indigenas da visinhança, e expulsos por causa da sua pequena estatura?—Duchailu observa que os indigenas da Africa equatorial occidental tem cabelo comprido, ao passo que estes anões tem cabelo curto no alto da cabeça. Assimilham-se aos Bushmen da Africa austral.

ALFREDO MAY

.....Silencio! deixa
Ao coração do triste o seu segredo
Espreitar indiff'rente os pensamentos
Que os labios do infeliz feixam no peito,
Curiosidade é van, mal generosa
E de animo insensivel: não exijas,
Se o podes consolar, preço tam duro
Por teus confortos. Pouco vale a dextra
Que não inxuga as lagrimas do afflicto,
Sem lhe rasgar primeiro os seios d'alma
Para lhe esquadrinhar do peito a causa.

GARRETT.